

PALCO

JUIZ DE FORA, ABRIL. 2015. ANO VII. Nº 45

31ª BIENAL PENSAMENTO E AÇÃO

Em cartaz até 31 de maio no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), a 31ª Bienal de São Paulo – *Como (...) coisas que não existem – Obras Seleccionadas* apresenta um forte traço político ao expor trabalhos que giram em torno dos conflitos e problemas da sociedade contemporânea. Nas 25 obras, de seis artistas estrangeiros, que integram a itinerância em Juiz de Fora, a mostra debate as maneiras pelas quais é possível abrir caminhos para os dilemas sociais que afligem indivíduos e comunidades humanas em todo o planeta.

O tom abrangente da mostra, que olha de perto para temas como religião, sexualidade, ecologia e identidade, é reflexo das muitas cabeças que a pensaram. Liderada pelo escocês Charles Esche, a equipe curatorial ainda conta com participação dos espanhóis Pablo Lafuente e Nuria Enguita Mayo e dos israelenses Galit Eilat e Oren Sagiv.

sempre amistosa, entre os diferentes povos. Em uma das páginas da obra, ocorre a pergunta: – “Por que os alienígenas são sempre feios, maus e inimigos dos seres humanos?”. A artista indaga por que em culturas tribais o desconhecido e a alteridade eram muitas vezes retratados com reverência, enquanto, no mundo moderno, prevalece a ideia de imposição e da conquista de uma cultura pela outra.

Se, em Piksa, o mote da discussão é o estranhamento de outra cultura, no trabalho da turca Gülsun Karamustafa, os elementos híbridos dentro de um mesmo país são o cerne do pensamento. A artista constrói uma colagem têxtil de sete metros de comprimento chamada *Resimli Tarih* (História Ilustrada). A obra, semelhante a um caftã – túnica símbolo da opulência do Império Otomano – costura ilustrações, carregadas nas cores, de vegetações, animais, califas e pa-

De Gülsun Karamustafa, a obra *Resimli Tarih* (História Ilustrada). Registro das obras da 31ª Bienal de São Paulo, 12/09/2014. © Pedro Ivo Trastferetti / Fundação Bienal de São Paulo



NESTA EDIÇÃO

LIVRO
ANALISANDO PEDRO
NAVA

JF E RJ
PROXIMIDADES
CULTURAIS

CINEMA PELA VERDADE
A HISTÓRIA NA TELA

O objetivo central da 31ª Bienal é reavivar a capacidade da arte de não apenas expressar os acontecimentos relativos à vida humana e ao mundo, mas, sobretudo, identificá-la como agente transformador das situações. “O leque de possibilidades para essa ação e intervenção está aberto – uma abertura que é a razão da constante alteração do primeiro dos dois verbos no título, antecipando as ações que poderiam tornar presentes as *coisas que não existem*. Começamos por *falar sobre elas* para, em seguida, *viver com elas* e, então, *usar*, mas também *lutar por e aprender com essas coisas*, em uma lista sem fim”, explica o texto de apresentação do curadores.

ARTISTAS E PROJETOS

A diversidade de formas e conteúdos dos trabalhos por si só indica a abrangência de problemas e situações críticas que a mostra aborda, com o importante adendo que nenhuma é plenamente classificável dentro de um mesmo gênero. Em situações de crise, ficar dentro dos padrões não parece ser uma opção.

A aparente pintura tradicional do artista português Bruno Pacheco, retratando situações de aglomeração, sugere – mas nunca diz com certeza do que realmente se trata – desde protestos até ações coletivas nas quais é possível ver confraternização e festejo. As quatro telas incorporam elementos fotográficos para realizar um estudo de movimentos em grupo, no qual é possível notar ações em conjunto voltadas para um mesmo objetivo, todavia sem centro agente identificável. Neste sentido, a obra faz referência aos inúmeros protestos e coletivas que acontecem pelo mundo.

Por sua vez, o fanzine *Justice for aliens* (Justiça para os alienígenas), da polonesa Agnieszka Piksa, mistura os mundos da ficção científica e ícones, totens e símbolos tribais, através de colagens, para questionar a relação, nem

lácios suntuosos em tecidos de qualidade duvidosa encontrados nos mercados populares de Istambul.

Por trás da obra, está a história de modernização da Turquia, durante a fase da migração dos povos rurais para as cidades. Nesse período, o embate entre migrantes e habitantes urbanos gerou um nicho cultural apelidado de *arabesk* – referência ao gênero de influência asiática apreciado, via de regra, pelos novos moradores da cidade. O *arabesk*, que é a base material do trabalho de Gülsun, é uma espécie de *kitsch*, obra na qual se misturam elementos de alta cultura, dissolvidos de seu conteúdo originário, para consumo das massas. No caso da artista, seus trabalhos lhe renderam o epíteto pouco lisonjeiro de “pintora de arabescos” e a exclusão do círculo de intelectuais de classe média ao qual pertencia.

Em outra obra da artista, também exposta no MAMM, o assunto do trânsito populacional reaparece, mas, desta vez, com foco no impacto sobre as vidas de pessoas comuns. Na vídeo-instalação *Muhacir* (Migrante), Karamustafa revela a situação de êxodo forçado vivido por muitas pessoas que enfrentam os inúmeros conflitos na região dos Balcãs.

O filme mostra as trajetórias de vida de duas mulheres, uma saindo da região da Criméia, e outra partindo da Bósnia e Herzegovina até chegar a Istambul. Ambas carregam cartões postais de suas respectivas terras de origem. No transcorrer das cenas, o vídeo apresenta a necessidade de desvincilhamento de seus pertences para sobrevivência em outra parte, distante da sua identidade social e cultural.

Destaques para montagem da obra: a fronteira entre os países é representada, metaforicamente, pelos limites físicos entre os dois telões, um perpendicular ao outro, que exibem a trajetória das personagens de maneira simultânea. Duas telas para mostrar, cada uma a seu tempo, duas origens e histórias de vidas diferentes que, em razão da guerra, se encontram num mesmo local de chegada: Istambul.

continua na página 2

De Bruno Pacheco a obra Meeting Point e outros trabalhos (Ponto de encontro) durante a 31ª Bienal de São Paulo. 30/09/2014.
© Pedro Ivo Trasferetti / Fundação Bienal de São Paulo

continuação da capa

31ª BIENAL PENSAMENTO E AÇÃO

A condição marginal de alguns estamentos sociais também é tema de outra artista turca, Nilbar Güres. Mas as coincidências entre as contrerâneas param nesse ponto. No caso de Nilbar, os meios de expressão são o bordado, o tecido e o papel, que se conjugam numa técnica mista de colagem tradicional e tessitura. Intitulada *Candle Light, Monstera Deliciosa and Candomble* [Luz de vela, Monstera Deliciosa – planta nativa do México conhecida no Brasil como Costela de Adão – e Candomblé], a obra realiza um jogo de luz e sombra através do qual constrói elementos oníricos, ricos em vitalidade e erotismo, que servem de ferramenta crítica a toda forma de repressão à liberdade sexual.

Conquanto na obra de Güres a linguagem constitui, ao mesmo tempo, meio e objeto de expressão, na série *Imponderáveis*, da colombiana Johanna Calle, materiais banais como arames são a base para analogias e construções simbólicas que afetam, de algum modo, todas as pessoas do globo. No trabalho, estendidos sobre um cartão, arames formam desenhos reticulares que aludem à arquitetura de prédios das grandes cidades e grades.

Em algum ponto do desenho, a continuidade das linhas se rompe, causando a desestruturação do sistema. Detalhe importante é que o conjunto é montado nos moldes de livros de contabilidade. Nesse contexto, é inevitável a alusão a um colapso econômico ou crise financeira que abala as estruturas tanto de ricos quanto de pobres. O planejamento e controle total do dinheiro estão à mercê do imponderável.

A discussão de forma e conteúdo também está presente na série *Bert Flint*, da artista espanhola Teresa Lanceta. No trabalho, Lanceta mergulha em comunidades tecedoras do Médio Atlas marroquino e de Granada, cujas tradições têxteis embasam sua proposta pessoal, para participar de um descobrimento coletivo, silencioso, que facilita às pessoas viverem, comunicarem-se e permanecerem.

LIVRO PEDRO NAVA NO DIVÃ



Divulgação

A psicóloga, astróloga e membro da Academia Juizforana de Letras, Rosângela Xavier Rossi, coloca o médico e escritor Pedro Nava no consultório de psicanálise em seu novo livro, *Pedro Nava no Divã*, com lançamento no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) neste mês. Fruto do talento literário da autora, somado à sua experiência como psicoterapeuta, a obra mistura ficção e fatos concretos da vida de Nava que, no livro, é levado ao consultório para uma conversa com a autora. Construído sob a forma de diálogo, o livro reconta a biografia do escritor assinalando, da infância à maturidade, os traços de personalidade que o conduziram ao fim trágico: o suicídio.

Para compor as falas de Nava, Rosângela usou como fonte justamente as obras do autor juizforano, marcadamente memorialísticas e autobiográficas. Livros como *Baú de Ossos* (1972), *Balão Cativo* (1973), *Chão de Ferro* (1976) e *Beira Mar* (1978) serviram de base. De acordo com a psicóloga, o uso desse recurso enriqueceu as “respostas” de Nava com a literalidade de seu estilo, o que, por outro lado, também instiga o leitor a buscar suas origens nos trabalhos do escritor.

A ferramenta de análise usada para traçar o perfil do escritor foi a psicanálise junguiana. Esse tipo de abordagem trata as questões profundas da psique em interseção com a Filosofia Clínica. De acordo com Rosângela, é possível perceber que a alma de Nava era a de um homem angustiado, sensível, observador dos fenômenos da vida e da natureza humana. A psicóloga também destaca em sua análise um núcleo depressivo muito grande, mas, ainda assim, “formando uma figura ímpar”.

Nesse caso, processo criativo e obra formam uma metalinguagem na qual o meio é também a mensagem. O processo têxtil a que a artista se refere é realizado em várias etapas e por diversas pessoas até chegar à finalização. Metáfora da união de forças dentro da comunidade para chegar ao objetivo comum dos indivíduos que a integram.

ITINERÂNCIA

O programa de exposições itinerantes da 31ª Bienal contempla seis cidades do Brasil e uma no exterior. Diferentes recortes da mostra *Como (...) coisas que não existem*, que, em 2014, recebeu 470 mil visitantes na capital paulista, serão expostos em São José dos Campos, Campinas, Juiz de Fora, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Belo Horizonte e Porto, em Portugal.

A parceria entre o MAMM e a Fundação Bienal começou em 2011, quando foi criado o programa de itinerância por ocasião da 29ª Bienal de São Paulo. Na época, os requisitos para uma instituição se candidatar a receber a mostra incluíam alguma parceria anterior já firmada com a instituição, além de condições técnicas de ponta e fatores de ordem cultural e social. No caso do MAMM, a parceria anterior se deveu ao empréstimo da obra *Deshabillés*, de Max Ernst, para 23ª Bienal, em 1998.

Para o MAMM, a vinda da Bienal de São Paulo representa, por um lado, o reconhecimento do trabalho desenvolvido pela instituição ao longo de seus dez anos, por suas diferentes gestões, além de incluir o museu e a cidade de Juiz de Fora no circuito das exposições mais importantes do país. Nas duas edições anteriores, o MAMM recebeu mais de três mil visitantes, denotando o interesse da população pelos movimentos e tendências da arte contemporânea.

O público pode visitar a mostra de terça a sexta-feira, das 9h às 18h, e aos finais de semana e feriados, das 13h às 18h.

MEMÓRIAS

Pedro Nava nasceu em 5 de junho de 1903, em Juiz de Fora, mas passou a infância entre Minas e Rio de Janeiro, até que se fixou em Belo Horizonte para cursar medicina. Formou-se em 1928, já ocupando cargos públicos de saúde na capital. Nava abandonou a carreira médica quando descobriu o início de uma deficiência auditiva.

Como escritor, publicou sete livros, entre eles *Círio Perfeito* (1983), ganhador do prêmio “Livro do Ano” concedido pelo Museu de Literatura da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, e *Cera das Almas* (2006), publicado após sua morte, incompleto. Suas obras narram memórias e relatam a cultura brasileira do século XX, destacando-o como um dos mais importantes memorialistas brasileiros.

Em maio de 1984, em um jardim da Rua da Glória, no Rio de Janeiro, Pedro Nava cometeu suicídio. O gesto seria atribuído a um telefonema recebido pouco antes da morte, no qual Nava seria chantageado em razão de um suposto caso homossexual. O escritor era casado, e a história do motivo do suicídio foi omitida pela imprensa. O episódio é relatado por Zuenir Ventura em seu livro *Minhas Histórias dos Outros*.

O interessante do trabalho de Rosângela é que, através de suas pesquisas, a autora liga o suicídio a outra razão. Segundo ela, Nava dizia desde criança que, se tivesse uma doença grave, cometeria esse ato. Além disso, o escritor era marcado por fortes acontecimentos em sua vida, como a morte do pai e o suicídio de uma namorada em razão da descoberta de um câncer. Esses acontecimentos teriam sido mais decisivos na formação da personalidade conturbada do autor e, mais tarde, em razão de outras angústias, o teriam levado à autodestruição.

Carina Salgado



CINEMA PELA VERDADE UMA HISTÓRIA RECONTADA

Com o objetivo de desatar o nó de desinformação criado sobre a ditadura militar e extrair lições do passado para o futuro, a *Mostra de Cinema pela Verdade* chega ao Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) este mês na tentativa de fomentar a consciência cidadã. O projeto está na quarta edição e apresenta, em 27 estados brasileiros, longas-metragens que retratam o período ditatorial da história do país. O responsável pela ação é o Instituto Cultura em Movimento (ICEM), criado e reconhecido como uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) em 2002, após o sucesso da iniciativa Cinema em Movimento. Por meio da parceria com o Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) e do apoio da Comissão da Anistia do Ministério da Justiça, o instituto promove sessões de cinema gratuitas para difusão da recente produção brasileira em circuitos escolares, universitários e comunitários.

Além da exibição dos filmes, todas as mostras realizadas pela OSCIP oferecem um momento de bate-papo para o público com pesquisadores, produtores dos filmes e pessoas convidadas. Com 12 anos de atuação, mais de mil cidades de todos os estados brasileiros foram palco de 183 longas e curtas-metragens. Isto, somado ao alcance de um público de dois milhões de espectadores, em mais de 15 mil sessões que mobilizaram cerca de seis mil debatedores, torna o ICEM um dos responsáveis pela maior rede não formal de distribuição de filmes do Brasil.

Para que a iniciativa seja possível, universitários dos cursos de Cinema, Letras, História, Jornalismo, entre outros, são contratados e treinados como agentes mobilizadores. Mais de 600 capacitações já foram realizadas para que esses jovens atuem nas diferentes comunidades em que os filmes são exibidos. No caso do *Festival de Cinema pela Verdade* – uma das ações do amplo projeto Cinema em Movimento, com quatro anos de existência –, as mostras acontecem exclusivamente em universidades brasileiras e são produzidas e organizadas pelos acadêmicos contemplados por editais de seleção.

Em uma semana de capacitação com palestras, *workshops*, entrevistas e vivências propostas por professores de teatro e pedagogos, os jovens são preparados para promover a *Mostra de Cinema pela Verdade* em seus municípios. Este ano, o encontro aconteceu no Rio de Janeiro, entre os dias 2 e 6 de março, com o intuito de informar e aproximar os agentes mobilizadores dos três filmes selecionados para a mostra 2015: os documentários *Osvaldão* (2014), *Em busca de Lara* (2014) e *Democracia em Preto e Branco* (2014).

MEMÓRIA X ESQUECIMENTO

Em Juiz de Fora, a responsável pelas sessões é a estudante de Cinema e Audiovisual do Bacharelado Interdisciplinar de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) Júlia Aranha Amaral, uma apaixonada pelos estudos do período da ditadura. De acordo com a jovem, a fase de treinamento para a mostra acrescentou humanidade ao seu entendimento sobre os acontecimentos da época. “Lá, tivemos contato com ex-militantes, pessoas torturadas e com os diretores, atores e produtores dos filmes, que nos deram uma noção de conjunto deste período”, relata.

Os documentários exibidos no MAMM este mês terão outra sessão na Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora nos dias 4, 5 e 6 de maio, às 20h30. Para Júlia, os filmes abordam a história do país sob diferentes perspectivas, e assim a presença do festival reativa espaços inacessados da memória, “espaços esses que a própria história do Brasil narrada nos livros faz questão de esquecer”, diz. Ela exemplifica o fato com as violações dos direitos humanos ocorridas durante a ditadura, que, muitas vezes, não são sequer citadas.

Coincidentemente, fatos desta mesma história vêm sendo revisados há alguns anos pelo governo, pesquisadores e jornalistas. A Comissão Nacional da Verdade, criada em 2012 para pesquisar violações de

direitos humanos e desaparecimentos políticos ocorridos no período de 1946 a 1988 – que inclui a ditadura militar (1964-1985) –, desvendou casos como o do comandante da Guerrilha do Araguaia (1974), Osvaldo Orlando Costa. Sua morte, junto às de outros personagens que participaram desta ação armada no Pará, levou familiares e amigos a moverem uma ação contra o Estado, que condenou o Brasil, em 2010, na Corte Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA).

A vida desse mineiro de Passa Quatro, campeão de boxe, que se tornou o maior conhecedor da região da mata do Araguaia é tema de *Osvaldão*, de Vandré Fernandes, Ana Petta, Fábio Bardella e André Lorenz Michiles, que narra, de forma antropológica e através de depoimentos dos que conviveram com o militante, a trajetória do homem “invisível” adorado pela população local.

Também com o intuito de mostrar a vida de um personagem atuante no período ditatorial, *Em busca de Lara*, do diretor Flávio Frederico, juntamente com Mariana Pamplona, conta a história da guerrilheira Lara Lavelberg. Pamplona é sobrinha da militante que participou de diversos movimentos esquerdistas, nos quais conheceu e se apaixonou por seu companheiro Carlos Lamarca. Sem direcionar diretamente o olhar do espectador, o documentário apresenta fotos e curtas-metragens que dão a dimensão da época em um longa recheado de depoimentos de figuras importantes do Brasil nas décadas de 60 e 70. O filme acompanha as investigações de Pamplona, até a jovem chegar ao apartamento em que sua tia morreu.

Já no documentário *Democracia em Preto e Branco*, o personagem principal é um time de futebol que adotou o sistema democrático de tomada de decisões em oposição ao autoritarismo do governo: o Corinthians. O longa acompanha e exalta a importância histórica de personagens como Wladimir, Sócrates e Casagrande, que, com o exemplo no futebol, contribuíram para a redemocratização do país.

CINEMA NO MAMM

O MAMM, além de ceder espaço ao Festival Nacional Cinema pela Verdade, é também palco para mostras de cinema locais, abertas ao público. Acolhendo projetos da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Letras (FALE), o MAMM abre suas portas de duas a três vezes por semana para exibição de filmes que, muitas vezes, não passam nos circuitos comerciais. O projeto *Saúde e Cinema*, antigo Medicina e Arte, é mensal, enquanto o *Ciclo de Cinema da FALE* e *Ciclo de Cinema Francês* são semanais.

No caso do *Ciclo de Cinema Francês*, a proposta é conhecer melhor o mundo da cultura gálica e seus posicionamentos a respeito de diversas questões da vida e sociedade humana. O projeto já abordou temas como a figura da mulher no ambiente francês e a sociedade na visão francesa. Na atual temporada, são exibidos filmes que tratam do problema da imigração no país. O *Ciclo de Cinema da FALE* também é temático, mas propõe discussões ligadas a assuntos em voga. Já no *Cinema e Saúde*, a finalidade é enriquecer a formação humanística dos futuros médicos, destacando não apenas os aspectos clínicos das situações retratadas nos longas, mas também elementos de ordem ética e modos de abordagem e compreensão dos problemas dos pacientes.

Além das exibições, o MAMM também trabalha em parceria com o Instituto de Artes e Design (IAD) no projeto de extensão *Cinema em Foco*. Realizado bimestralmente, o projeto traz pesquisadores, realizadores e técnicos em audiovisual para falar de aspectos históricos, estéticos, bem como trazer relatos a respeito do cinema brasileiro.



MAMM
MUSEU DE ARTE
MURILO MENDES
 Rua Benjamin Constant, 790
 (32) 3229-9070
 www.museudeartemurilomendes.com.br

EXPOSIÇÕES

Acervo em Diálogo
 Galeria Retratos-Relâmpago

Transmuriliana
 Galeria Poliedro

31ª Bienal de São Paulo – Obras
 Selecionadas
 Galeria Convergência
 Dia 09, 19h – Abertura da exposição

MOSTRA CINEMA PELA VERDADE

Dia 14, 14h30 *Democracia em Preto e Branco*, de Pedro Asbeg (Documentário, 10 anos, 90 min., Brasil, 2014)
 Dia 16, 14h30 *Em Busca de Iara*, de Flávio Frederico (Documentário, 12 anos, 90 minutos, Brasil, 2013)
 Dia 17, 14h30 *Osvaldão*, de Vandrê Fernandes, Ana Petta, Fábio Bardella e André Lorenz Michiles (Documentário, 12 anos, 80 minutos, Brasil, 2014)

CICLO DE CINEMA FRANCÊS

Dia 10, 16h *La vie devant soi*, Moshe Mizrahi (1977)
 Dia 17, 16h *La journée de la jupe*, Jean-Paul Lilienfeld (2008)
 Dia 24, 16h *La graine et le mulet*, Abdellatif Kechiche (2007)

LANÇAMENTOS DE LIVRO

Dia 24, 19h *Pedro Nava no Divã*, Rosângela Rossi

CINE-THEATRO CENTRAL

Praça João Pessoa, s/nº
 calçada da Rua Halfeld
 (32) 3215-1400

SHOWS

Dia 09, 21h Almir Sater & Banda
 Dia 25, 19h Amadança
 Dia 26, 17h Amadança



JUIZ DE FORA E RIO DE JANEIRO RELAÇÕES AFETIVAS

No ano em que se celebra o 450º aniversário do Rio de Janeiro, fomos procurar o que faz do juiz-forano um pouco carioca. A relação de Juiz de Fora com o Rio de Janeiro se inicia por uma questão geográfica. Segundo o antropólogo e professor do curso de Turismo da UFJF, Sandro Campos Neves, a proximidade física com a capital carioca exerce influência cultural específica em JF. Por outro lado, a proximidade cultural com o Rio serve como contraponto para a rivalidade histórica de JF com a capital mineira, Belo Horizonte. Essa diferença estaria relacionada a uma disputa de prestígio simbolizado tanto pela força econômica quanto pela capacidade de exercer influência no restante de MG. Mas essa história a gente deixa para outra hora.

No início do século XIX, Juiz de Fora, às margens do Caminho Novo, era um ponto de parada dos tropeiros que faziam o trajeto do litoral para o interior e vice-versa. “O antigo arraial virou cidade e referência na produção cafeeira, comercializada no Rio de Janeiro. Juiz de Fora receberia as influências culturais da capital federal: grupos de teatro, a primeira sessão de cinema do estado, intensa atividade literária e jornalística”, afirma a professora de Comunicação e Cultura da UFJF, Christina Musse.

No entanto a influência esteve longe de ser meramente econômica. Juiz de Fora e Rio de Janeiro se frequentaram intensamente. Sandro Neves afirma que o período do Rio como capital reforçou uma influência já existente, assim como o papel atual de grande centro de produção audiovisual nacional. Assim, irradiando influência cultural para a região, o Rio de Janeiro “exporta” expressões, ideias, sentidos, falares e influências diversas para JF. Constrói-se uma identidade da cidade com a capital do outro estado, algo que poderia passar por contraditório, mas que é típico de um estado com as dimensões territoriais de Minas Gerais.

Toda essa sorte de proximidades culturais está relacionada aos fluxos humanos, isto é, constitui-se em proximidade com aqueles que transitam nossa vida cotidiana com mais frequência. Assim, faz total sentido essa relação. Na realidade, isso ajuda a perceber com clareza que “estados da federação, com suas fronteiras bem traçadas e definidas, são abstrações políticas que se sedimentam em certo ideário social”, ressalta o antropólogo. Essas fronteiras estão longe de serem capazes de conter a amplitude dos relacionamentos sociais, que podem ser muito mais influenciados por proximidades físicas e situações de “interfrequentação” intensa.

IMAGINÁRIO

A cidade continuou suas relações com o Rio de Janeiro no início do século XX, quando brilhava como a *Manchester Mineira*. Apesar da proximidade física, parece subsistir o imaginário interiorano sobre o mar, as viagens, o grande horizonte sem montanhas. De acordo com Sandro Neves, são ligações econômicas, mas, principalmente, afetivas. Quando surge o Caminho Novo, o ciclo do ouro já estava em decadência. Assim, chegavam histórias tristes da região aurífera e histórias encantadas do litoral carioca. O Rio de Janeiro, como cidade portuária, era marcado pela “capitali-

dade”. Esse conceito, criado pelo pesquisador André Nunes Azevedo, trata de um fenômeno urbano caracterizado por maior abertura às novidades que chegavam pelo porto, tornando o local aberto às novidades.

“Além dos ventos marinhos, liberdade e ousadia eram marcas da então capital do Brasil. O juiz-forano foi se encantando com essas histórias que aconteciam bem pertinho, ao contrário das histórias que chegavam no lombo de burro do interior”, completa o jornalista Flávio Lins, doutorando em comunicação na Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, um dos autores do livro *Cariocas do brejo entrando no ar: o rádio e a televisão na construção da identidade juiz-forana (1940-1960)* e produtor do documentário *Cariocas do brejo entrando no ar*, premiado no Recine – Festival de filmes de arquivo promovido pela Cinemateca Brasileira. Para Flávio, a construção do discurso da mineiridade, elaborado a partir do perfil de mineiros, calados, desconfiados, silenciosos, tomou marcas daqueles que viveram a decadência e o empobrecimento com a escassez do ouro. O juiz-forano não se identificou com isso e sempre se sentiu um mineiro diferente. “Nem melhor, nem pior, mas diferente, muito mais afinado com as ‘modernidades’ cariocas”, concorda Christina Musse.

Mas o pessoal do interior do estado, principalmente de Belo Horizonte, não perdoou e apelidou o juiz-forano de carioca do brejo. “Acredito que a concepção do termo tinha um viés depreciativo, mas o juiz-forano até gostou. E, talvez, o pessoal do interior tenha conseguido traduzir numa pequena expressão o espírito do nosso povo”, observa Flávio. E, com tantas afinidades e Juiz de Fora em um terreno pantanoso, não havia definição melhor.

LIGAÇÕES CULTURAIS

São muitos os pontos que fortaleceram a ligação entre Rio e JF. A construção da estrada União e Indústria no século XIX foi uma delas. Uma estrada segura e rápida entre o Rio e Juiz de Fora, e, durante algum tempo, a mais moderna do América Latina. Com o surgimento do rádio e da TV, a proximidade geográfica facilitou a transmissão entre as duas cidades, que não só assiste aos programas do Rio, mas também aparece na tela das pioneiras TV Tupi, TV Continental e TV Rio.

O cineasta João Carriço teve um papel importante no fortalecimento dessa identificação. Durante quase três décadas, ele produziu cinejornais em que JF e Rio se misturavam como protagonistas dos destinos da nação. “A montagem da Carriço Film imprimia às imagens da *Manchester Mineira* o mesmo ritmo que marcava os registros do Rio de Janeiro”, garante Flávio.

São também inúmeros os personagens que se dividiram entre Rio e Juiz de Fora e ajudaram a intensificar a sensação de pertencimento a uma Minas diferente, dentre os quais o próprio João Carriço e o jornalista José Carlos de Lery Guimarães são exemplos. Samba, futebol, jornais – Juiz de Fora é uma cidade híbrida, de fronteira. Mas, quando qualquer juiz-forano é perguntado sobre sua identidade, não titubeia e afirma, com orgulho: “Sou mineiro, uai!”.

Vívia Lima